



## *Noras esquecidas*

O sol descia no horizonte, derramando sobre a terra uma luz dourada, um sussurro intemporal a envolver a paisagem. O homem caminhava sem pressa, com passos leves sobre o solo gasto, como se a vastidão do campo o chamasse para um encontro consigo mesmo. Ali, naquela aldeia esquecida, o tempo parecia ter adormecido, suspenso entre o presente e as memórias de um passado que ainda pairava no ar.

Foi então que o avistou. No meio do terreno abandonado, erguia-se um velho relógio de madeira, solene e silencioso. Não foi apenas a sua presença que o surpreendeu, mas o mistério que parecia encerrar. Como era possível um objeto que marcara outrora os ritmos de uma casa estar agora entregue à indiferença do tempo e à lenta erosão da Natureza?

A estrutura imponente, antes polida e brilhante, apresentava-se envolta num emaranhado de heras e de outras plantas, como se a terra o reclamasse para si. O vidro

partido do mostrador refletia os últimos lampejos da tarde, enquanto os ponteiros jaziam imóveis, prisioneiros de um instante perdido. A madeira, outrora firme e nobre, rachara sob o peso dos anos, marcada pelas chuvas e pelos verões inclementes.

A cerca que outrora delimitara o terreno jazia combalida, com os troncos carcomidos pelo tempo e entrelaçados por fios de ferro enferrujado. O homem sentiu um aperto no peito diante daquele cenário de abandono. Como poderia algo de tão valioso ter sido deixado à mercê dos elementos? Aproximou-se, tocando a madeira fria e rugosa, como se, ao senti-la sob os dedos, pudesse compreender a história ali encerrada.

Sentou-se numa pedra, com os olhos cravados no relógio. Na sua imobilidade, este parecia questionar a vã tentativa humana de medir e controlar aquilo que não pode ser dominado. As pequenas raízes que se infiltravam pelo vidro partido pareciam querer trazê-lo de volta ao seio da Natureza, lembrando que, um dia, tudo regressa à terra.

A cerca quebrada evocava-lhe as barreiras que construímos para tentar dominar o que nos escapa. Cercamos o tempo, tentamos aprisioná-lo em calendários e ponteiros, mas ele esvai-se como areia por entre os dedos, indiferente à nossa vontade. Não havia respostas no relógio. Apenas a sua presença silenciosa, testemunhando o inexorável fluir dos dias.

No entanto, curiosamente, a percepção de que o tempo se esgota não lhe trouxe desespero, mas uma nova perspectiva. O tempo não era um adversário a vencer, mas uma corrente de vida a ser respeitada, um ritmo a ser seguido com naturalidade.

Ao fim de algum tempo, o homem ergueu-se e retomou o seu caminho. Pelo trilho, observava as árvores, que, apesar de velhas, continuavam a florescer. A terra, mesmo ressequida em certos pontos, renovava-se com o ciclo das estações. As flores brotavam, os pássaros construía os seus ninhos, as folhas caíam para depois renascerem. A transitoriedade não era um fim, mas um convite à renovação contínua.

Compreendeu, então, que não precisava de temer o que é transitório. O importante era aceitá-lo como parte do grande equilíbrio da existência. Valorizar o tempo não significava retê-lo, mas vivê-lo conscientemente, usá-lo para se conectar com o mundo, com aqueles que amava, e com o que verdadeiramente importa. Sorriu, ao encarar assim o fluir dos dias. O tempo era efêmero, mas o que se fazia com ele poderia ser duradouro.

E, enquanto se afastava, sentiu-se parte dessa mesma corrente, sabendo que, a cada passo, vivia o único momento que realmente existia — o agora.

# Horas esquecidas

1. “O homem caminhava sem pressa, com passos leves sobre o solo gasto, como se a vastidão do campo o chamasse para um encontro consigo mesmo.” Como interpretas esta frase?
2. Assinala os dois parágrafos que referem a sua reação ao ver o relógio.
3. Descreve as marcas que o tempo e as intempéries deixaram no objeto.
4. “Como poderia algo de tão valioso ter sido deixado à mercê dos elementos?” A que tipo de valor achas que o homem se refere?
5. O cenário em volta despoleta nele algumas reflexões. Enumera-as.
6. Pensas que o tempo se esvai “como areia por entre os dedos”? Exemplifica com situações do teu quotidiano.
7. Que lição colhe o homem da natureza em redor? Assinala o parágrafo que contém essa informação.
8. “O tempo era efémero, mas o que se fazia com ele poderia ser duradouro.” Subscreves esta afirmação? Justifica.
9. Quando nos deixamos aprisionar pelas preocupações do passado ou pelas ansiedades do futuro, perdemos a riqueza do momento presente. Concordas? Porquê?
10. Dá um outro título à história e fundamenta a tua escolha.